ISSN 2237-258X

TURMAS MISTAS COM AULAS SEPARADAS: LEMBRANÇAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS CATÓLICAS DO RECIFE-PE NA DÉCADA DE 1970

Mixed groups, separated classes: Physical Education´s reminds in catholic schools, from the 1970´s Recife-PE

Clases mezclado con clases separadas: Memorias de la Educación Física en las escuelas católicas en el Recife-PE-1970 década

Maria Helena Câmara Lira*

Edilson Fernandes Souza**

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o recorte de um estudo de doutorado referente à História da Educação e às Relações de Gênero, em escolas católicas de Pernambuco, no momento de transição de seus perfis de escolas sexistas para escolas mistas, nos anos da década de 1970. A base teórica para esta pesquisa tem inspiração na Nova História Cultural, tendo como ênfase a História do Corpo e a História das Relações de Gênero, sendo a História Oral a perspectiva metodológica adotada. As lembranças dos(as) protagonistas desse cenário, acerca da Educação Física, formam o eixo para este recorte, sublinhando questões como o cotidiano das aulas, as influências legais, políticas e culturais que atravessaram esta disciplina no período e espaço estudado. Os indícios demonstram a Educação Física enquanto uma prática de continuidades no que concerne às segregações de gênero e de resistência à coeducação, mesmo tendo um ambiente flexível para a coexistência dos sexos, como foram as escolas confessionais dos anos 1970.

PALAVRAS-CHAVE: Escolas confessionais. Relações de gênero. Educação Física

Abstract

This paper aims to present a piece of a doctoral research regarding Education History and Gender Relation in catholic schools in Pernambuco, during the transition from one gender to both gender basis school, in the 1970´s. The research is based upon the New Cultural History, framing specially the body history and the history of gender relations. It´s important to grasp that Oral History is the methodological perspective used. We use protagonist´s reminds on Physical Education in order to understand the day-to-day classes, as well as the political, legal and cultural influences in this particular subject. There are indicatives that Physical Education was understaood as a space of continuities regarding gender segregation and resistence to coeducation, even so there was a supportive enviroment to the coexistence to both genders, like confessional schools used to be in teh 1970´.

KEYWORDS: Confessional school. Gender relations. Physical Education

Resumen

* Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutora e Mestre em Educação pela UFPE, onde realizou formação em Educação Física. E-mail: mhelenalira@gmail.com

** Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atuando na graduação em Educação Física e na pós-graduação em Educação. Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: edilson@ufpe.br

Este artículo tiene como objetivo presentar el recorte de un estudio de doctorado en relación con la Historia de la Educación y de las relaciones de género en las escuelas católicas de Pernambuco, en el momento de transición en su perfil escuelas sexistas a escuelas mixtas, año de la 1970. La base teórica de esta investigación ha inspirado la nueva historia cultural, con énfasis en Historia del Cuerpo y la Historia de las relaciones de género, y la Historia Oral de la perspectiva metodológica adoptada. Los recuerdos de (los) protagonistas de este escenario, sobre Educación Física, forman el eje de este corte, haciendo hincapié en temas como las clases diarias, influye en el jurídico, político y cultural pasado por esta disciplina en el período y el área estudiada. La evidencia muestra de educación física, mientras que una continuidad de la práctica con respecto a la segregación de género y la resistencia a la coeducación, ni siquiera tener un entorno flexible para la convivencia de los sexos, al igual que las escuelas confesionales de la década de 1970.

PALABRAS CLAVE: Las escuelas confesionales. Relaciones de género. Educación Física

INTRODUÇÃO

As questões traçadas neste artigo estão localizadas em um estudo de doutorado o qual se dispôs a investigar, compreender, interpretar elementos simbólicos presentes na educação do corpo e nas relações de gênero, ressaltando as manutenções e transformações da realidade que estas categorias sugerem. A educação formal compõe o cenário estudado, mais especificamente, a mudança do perfil de duas escolas católicas sexistas para escolas mistas, presentes em Pernambuco, na década de 1970.

Como se deram as relações de gênero dentro das escolas católicas quando estas se tornaram mistas? Como as escolas se organizaram, quais saberes emergiram dos novos convívios? Houve, de fato, a democratização das experiências e oportunidades desde as aulas de Religião até as de Educação Física ou só houve uma mistura dos sexos sem debates pedagógicos? Estas foram algumas das questões norteadoras da investigação, tendo, este artigo, a finalidade de destacar as lembranças acerca da Educação Física na conjuntura em pauta.

A intenção deste estudo foi identificar e analisar aspectos do vivido a partir do ponto de vista de quem o viveu, ao passo que as lembranças construídas por tais mulheres e homens tornaram-se as principais fontes de pesquisa. A escolha da História Oral[1], portanto, como método de investigação, foi decorrente do tipo de pergunta feita ao passado, não havendo nenhuma restrição quanto à identificação dos sujeitos, todos autorizaram o uso de seus nomes e assinaram um termo de livre consentimento para isso, possibilitando publicações sobre o que foi relatado.

Duas escolas foram investigadas, as duas funcionaram durantes décadas com matrículas sexistas: Colégio Nossa Senhora do Carmo (CNSC), para as meninas; Colégio Salesiano, para os meninos. No total, foram realizadas vinte entrevistas, doze foram feitas com mulheres e oito com homens, dentre os quais três sujeitos passaram pelas duas escolas, dez apenas pelo Salesiano e sete apenas pelo CNSC, um universo de ex-alunos(as), ex-professores(as) e ex-funcionários(as).

Para este artigo faremos uma breve apresentação do cenário e das especificidades do contexto estudado e, em seguida, traremos elementos sobre as novas turmas mistas, porém, respaldando uma Educação Física não tão mista assim.

Duas escolas: uma para meninas, outra para meninos e os anos da década de 1970 para

[1] Sobre História Oral ver Le Goff (2012); Montenegro (2007; 2011); Thompson (2002)

misturar tudo

Duas escolas localizadas no mesmo bairro, Boa Vista, próximo ao centro da cidade do Recife-PE; duas escolas com infraestrutura privilegiada, modelo entre os esportes nos jogos estudantis de Pernambuco; duas escolas tradicionalmente respeitadas e de referência para a cidade, principalmente para a classe média; duas escolas confessionais da mesma fé, católica, uma inspirada em São Bento e a outra em Dom Bosco; duas escolas conduzidas por religiosos(as), uma por freiras beneditinas e a outra por padres salesianos. Duas escolas: uma para meninas e outra para meninos, até chegar os anos da década 1970 e misturar tudo.

Colégios com corredores imensos, com salas de aula impecavelmente limpas e organizadas, com jardins bem cuidados. Espaços que registraram momentos marcantes nas lembranças de quem passou por eles, com a dinâmica de suas quadras poliesportivas, mas também com o marasmo da clausura, despertando curiosidades em qualquer leigo(a). Instituições rígidas! Até determinada série, só entrava em sala de aula através da fila indiana, após alguma reza, hino ou canto, cumprindo os intransigentes horários de entrada e saída. Todavia, quando tocava o sinal para largar, quando aqueles alunos e alunas saíam dos colégios, os espaços ocupados eram os mesmos, principalmente porque as escolas eram vizinhas; as calçadas onde se comprava cachorro-quente, o outro lado da rua onde se jogava pebolim e o prédio, em frente ao colégio das meninas, onde a sombra da árvore acalentava o clima das paqueras.

Para as meninas o Colégio Nossa Senhora do Carmo (CNSC), com sua farda marrom pouco graciosa, segundo as ex-alunas. As Beneditinas compraram o CNSC em 1943, à Maria do Carmo Lins e Melo que o dirigia desde 1919. Esse grupo de religiosas, missionárias alemãs, chegou ao Brasil em 1903, desembarcando em Olinda-PE, onde, desde já, iniciaram atividades educativas fundando, em 1912, a Academia Santa Gertrudes, só para meninas, no Alto da Sé, Sítio Histórico de Olinda. Depois disso, fundaram e assumiram outras escolas, dentre elas o CNSC.[2]

O Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração, por sua vez, foi inaugurado em Recife, no ano de 1895, só para meninos, tendo o primeiro padre desta congregação chegado à cidade em 1882. O Salesiano é uma congregação que investe na identidade de seu patrono, o italiano João Bosco (1815 – 1888), mais conhecido como Dom Bosco. "Formar bons cristão e corretos cidadãos" era o lema de Dom Bosco e sempre foi anunciado no colégio Salesiano, como falam seus ex-alunos.[3]

Duas escolas que, ao longo de suas histórias, resguardaram aquilo que os estudos de Samara Silva (2007) apontam como características típicas de escolas confessionais: a) Preocupação com a grade curricular, preservando conhecimentos eruditos, como as artes clássicas, evitando a massificação dos conteúdos; b) Pouca rotatividade de profissionais, tendo professores e professoras com longo tempo na instituição e com alta qualificação; c) Excelente estrutura física, no ponto de vista tradicional, com serviços e equipamentos auxiliares sofisticados e eficazes. Na área das atividades físicas, por exemplo, as quadras, piscinas, salas de ginástica e dança são frequentes; d) Os dirigentes dessas instituições, geralmente padres ou freiras, são empenhados em preservar uma "aura" de respeitabilidade e credibilidade; e) Retratam uma pedagogia inspirada ou inspiradora de cunho liberal.

Em suma, não foi só lema de Dom Bosco e do Salesiano "Formar bons cristão e corretos cidadãos", essa pode ser entendida como uma máxima das escolas confessionais, de um modo geral. A sociedade católica acreditava e construía, mais do que nos dias atuais, uma dinâmica onde a presença da igreja deveria se manifestar, de forma particular, por meio da escola católica, ou seja, educar deveria ser um veículo para a preservação da fé cristã católica. Mesmo sem

[2] Ver Diniz (1983).
[3] Ver Oliveira (2001).

predominarem no corpo docente ou no quadro de direção das escolas, mesmo estando nos bastidores do cotidiano dessas instituições, os padres e freiras incitavam uma forte referência, no sentido de uma educação doutrinária para os valores e costumes católicos.

Nos anos da década de 1970, as instituições de ensino, dentre elas as escolas confessionais, estavam envolvidas em um cenário nacional de regime militar, caracterizado por reformas no ensino básico, em especial em seu caráter curricular. Além disso, esses anos apresentaram mudanças econômicas e culturais importantes.

Os estabelecimentos de ensino, mantidos por educadores e empresários da educação, passaram por um vertiginoso crescimento, em virtude do aumento demográfico da classe média brasileira, marcando as décadas de 1950 e 1960, assim como as mudanças de pensamentos e comportamentos, os quais, de alguma forma, geraram incapacidade para as escolas confessionais acompanharem o crescimento da demanda e das mudanças socioculturais (ALVES, 2009).

Estudos voltados para as mulheres, como o de Perrot (2008) e Oliveira (2004), trazem apontamentos sobre as mudanças sociais que assinalaram os comportamentos e os espaços ocupados pelas mulheres, na segunda metade dos anos novecentos, os quais ajudam na compreensão da conjuntura ora construída. A contracepção, o movimento feminista, a significativa emergência da mulher no mercado de trabalho, a maior ocupação de vagas nas universidades são acontecimentos que redefiniram o lugar da mulher na sociedade ocidental, onde, para Oliveira (2004), os efeitos dessa redefinição, no Brasil, salientaram-se ao longo dos anos da década de setenta.

Outro indício que marcou este período, influenciando diretamente a rotina das escolas, foi a necessidade de formação técnico-profissional a fim de atender às demandas de expansão econômica e industrial. A Lei nº 5692/1971 buscou atender a este apelo, reformando, dentre outras questões, a educação de nível médio para se tornar profissionalizante para todos(as), tendo como finalidade atender ao projeto de desenvolvimento do Brasil e sua nova fase de industrialização. Para tanto, ao ensino do 1º grau caberia a formação geral, de sondagem vocacional e a iniciação para o trabalho; já no 2º grau seria, primordialmente, a habilitação profissional.

A reformulação causada pela Lei nº 5692/71 gerou maior convívio entre meninos e meninas nas escolas confessionais, pois os cursos profissionalizantes eram oferecidos no contraturno sendo esta a primeira justificativa para reunir ambos os sexos nas mesmas turmas. Ou seja, o ensino profissionalizante associado à educação básica levou algumas escolas a fazerem parcerias, como foi o caso do CNSC e do Salesiano. Cursos diferentes eram oferecidos em cada escola e, como elas eram vizinhas, alguns dos alunos do Salesiano migravam para o profissionalizante no CNSC, assim como, alunas do CNSC iam ter suas aulas profissionalizantes no Salesiano. Logo, as mudanças na educação básica, exigida pela reforma de 1971, foi determinante na abertura das escolas confessionais para um caráter de coexistência de homens e mulheres.

Nesta esteira, há algo importante para ser registrado. No Salesiano, houve mais matrículas de meninas, nos primeiros anos das escolas mistas, se comparado às matrículas de meninos no CNSC. A compreensão disso, por parte dos(as) ex-alunos(as), está nos arquétipos em torno dos colégios de freiras e na ideia de modernização acerca de mulheres passarem a estudar em colégios de homens.

Dessa forma, o contexto que marcava as relações de gênero não pode ser desatrelado dos meandros políticos, econômicos e culturais. A quebra de paradigmas nesses setores teve forte influência sobre as instituições de ensino católicas que resistiam às escolas mistas, as quais eram comuns em outras categorias de escolas privadas e públicas.

A própria concepção de coeducação e escola mista, laica ou religiosa, marca a história da educação brasileira. Quanto a isso, vale a ressalva de que não é pretensão deste artigo utilizar

os termos coeducação e educação mista enquanto sinônimos. Assim como destaca Auad (2006), misturar meninos e meninas na mesma escola não é suficiente para garantir uma política de coeducação. Quando as escolas mistas seguem majoritariamente a lógica da separação, com práticas tradicionais de "coisas de meninos" e "coisas de meninas", a exemplo das aulas de Educação Física, a perspectiva de igualdade com respeito às diferenças não está garantida, o que fere os princípios coeducativos.

Jane Almeida (2007) também serve de inspiração e esclarecimento sobre a educação de meninas e mulheres, através de escolas católicas e protestantes, a partir do final do século XIX até meados do século XX. Segundo esta autora, o principal incentivo por parte do Estado para criar escolas mistas começa a ter força a partir dos anos de 1930, principalmente sob a influência do Manifesto dos Pioneiros da Educação, dando base ao movimento da Escola Nova, o qual, por sua vez, tinha a coeducação como uma das bandeiras propositivas para a democratização e qualificação do ensino público.

Antes disso, é possível enaltecer documentos considerados pioneiros na elaboração de propostas para a educação mista no Brasil, presentes nas Conferências Populares - em especial, as da Freguesia da Glória -, que aconteceram entre os anos de 1873 e 1890. Estas deram destaque tanto à valorização da escola mista, como foi o caso da conferência do Dr. Nuno de Andrade, em 04 de junho de 1874, intitulada "*As vantagens da educação da família e conveniências das escolas mistas*", quanto as particularidades da educação feminina, como aconteceu com José Liberato Barroso na conferência do dia 18 de janeiro de 1874, intitulada "*A educação em geral e com especialidade com relação à mulher*"[4].

As instituições católicas de ensino, por sua vez, comumente se mostravam resistentes ao discurso das escolas mistas. Na encíclica *Divini Illius Magistri*, de 1929, o Papa Pio XI sublinha a equidade de gênero como um problema, na justificativa de que Deus fez homens e mulheres desiguais para se completarem apenas no matrimônio, antes disso, o processo de instrução e educação deveria se restringir à família e a escolas distintas. Logo, se meninos e meninas são diferentes, precisam de educações diferentes.

Cita, ainda, que a proximidade excessiva entre adolescentes, em espaços como a escola, poderia incitar a sensualidade e promover a promiscuidade, sendo importante manter a separação dos sexos na escola sempre que possível, mas, principalmente, no período da adolescência e nas aulas de Educação Física.

Contudo, nos anos da década de 1970, o formato de escolas separadas por sexo já era insustentável na maioria das instituições de ensino e, tendo as escolas confessionais resistido à mistura dos sexos, mostrou-se, nos anos setenta, também flexível a este assunto. Todavia, nem todas as práticas se misturaram. A Educação Física, por exemplo, é uma dessas atividades sublinhadas por poucas rupturas em seu formato, no que concerne à convivência entre meninos e meninas, demonstrando a linguagem corporal enquanto uma ferramenta de *Aprendizado da Separação*, como cita Auad (2006), resistente às mudanças marcantes desse período.

A Educação Física não abriu mão de continuidades, demarcando o que poderia o corpo feminino e o que poderia o corpo masculino. Dessa forma, quais particularidades estão presentes na Educação Física dos anos de 1970 para justificá-la como o espaço do *Aprendizado da Separação,* em escolas que se disponibilizaram para educar através da coexistência dos sexos?

Educação Física sexista em turmas mistas

[4] Cf. BASTOS, Maria Helena Câmara. Ensaio que integra a pesquisa "Desenhando a Educação Brasileira à Francesa. Um estudo da apropriação das ideias educativas e das práticas escolares da França (1870-1900)" - CNPQ (2001-2003).

Os assuntos sobre a Educação Física, em meio às entrevistas dos ex-alunos e ex-alunas das escolas católicas, receberam destaques à luz de experiências distintas, mesmo com a consolidação das turmas mistas, sugerindo que a coexistência dos sexos na mesma escola não estava dialogando com práticas coeducativas.

Vale a ressalva de que os tipos de atividades físicas citadas nas lembranças, tem relação com o acúmulo de saberes sobre os movimentos corporais, tendo esses conhecimentos anúncios culturais e históricos, destacados por diversas expressões, a exemplo das danças, jogos, ginásticas, lutas. Tais conhecimentos, quando são tratados na escola de forma convencional, além de seguirem uma perspectiva mecanicista, comum aos anos setenta, podem fazer dessas experiências oportunidades de polarizar as relações entre meninos e meninas. Ou seja, as aulas de Educação Física, disciplina, em tese, responsável por trabalhar tais saberes na escola, é forte cenário dessa separação, como fica evidente nas lembranças dos(as) entrevistados(as).

> Tinha uma professora para as meninas e um professor para os meninos. A ginástica não era para a gente (os meninos), não... Eu acho que é questão de que às vezes os exercícios que eles aplicavam para os meninos, as meninas não tinham condições de fazer. Eles queriam dividir. Ficávamos divididos. (DAVI DORNELAS, 58 anos)[5]

Não só Davi tem essa clareza sobre a separação das turmas, os(as) demais entrevistados(as) que também enaltecem este assunto sublinham relatos semelhantes. Algumas ex-alunas do Salesiano não conseguem ser tão precisas a esse respeito quando, ao mesmo tempo, justificam poucas lembranças sobre as aulas em si, citando mais registros dos treinos esportivos. Já os(as) ex-funcionários(as) da escola afirmam, com precisão, ter sido separado, durante vários anos, esse tipo de aula.

As próprias recomendações de atividades físicas dentro da escola surgiram carregadas das devidas distinções do que seria apropriado para meninos e meninas. Tendo os médicos como principais propositores de uma vida saudável, regada por atividades físicas, o movimento higienista se consolidou cientificamente e sistematicamente na Europa do século XIX e, no Brasil, na transição do século XIX para o XX, os exercícios físicos conquistaram um espaço operacional dentro da escola, investindo na formação física e moral dos sujeitos.[6]

Atrelados aos tipos de exercícios que deveriam entrar na escola, a princípio chamados de Ginástica, estavam aqueles apropriados para mulheres e para homens, sendo Rui Barbosa (1849-1923) e Fernando de Azevedo (1894-1974) importantes interlocutores deste assunto. Rui Barbosa, através de seus pareceres inspirados na lógica higienista da segunda metade do século XIX, é exaustivamente citado na historiografia da Educação Física, por ser este considerado um entusiasta em defesa da ginástica na escola, elencando as especificidades de exercícios para meninos e meninas. Fernando de Azevedo, também foi um nome importante em defesa da prática da ginástica na escola, com o mesmo perfil de especificidades para homens e mulheres, tendo intitulado o capítulo de uma de suas obras como "Educação Física da Mulher".

A Educação Física, portanto, é apresentada com poucas rupturas em seu formato, quando situamos esta discussão nos anos de 1970, no que concerne à convivência entre meninos e meninas, demonstrando a linguagem corporal enquanto uma ferramenta de *Aprendizado da Separação (*Auad, 2006), resistente às mudanças marcantes.

"*Eu lembro que aula de educação física sempre foi separada. Desde o tempo que começou a entrar menina sempre foi separada",* destaca Jovina Araújo (71 anos)[7], orientadora

[5] DORNELAS, Davi. *Entrevista*: Concedida à Maria Helena Lira. Recife, 14 out. 2013. Gravação em áudio.

[6] Sobre isso ver: SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física Raízes Europeias e Brasil*. 4.ed. Campinas, SP: Autores associados, 2007.

[7] ARAÚJO, Jovina. *Entrevista*: Concedida à Maria Helena Lira. Recife, 16 de out. 2013. Gravação em áudio.

pedagógica do Salesiano, ao falar sobre a organização da escola para esta disciplina contratando professora para as meninas, juntando as alunas de várias turmas para montarem as turmas femininas da Educação Física e os contornos dados na carga-horária para atender a essa característica. A orientadora se refere ao período após 1975, ano em que ela se tornou funcionária da escola, no qual as meninas começaram a ser matriculadas para além do 2º grau. Referente à Educação Física, as lembranças demonstram o quanto era normalizada a realização das aulas separadamente, apontando, inclusive, uma "modalidade" de separação, citada pelos estudos de Dornelles e Fraga (2009), enquanto uma separação *Formal*.

A separação *Formal* nas aulas de Educação Física seria, para Dornelles e Fraga (2009), aquela constituída e conformada pelo aparato escolar, as turmas seriam organizadas separadamente. Haveria também uma separação *Extraoficial*, na qual as turmas de Educação Física constam como mistas, mas são separadas no decorrer da aula pelo(a) próprio(a) professor(a), na ocupação de espaços diferentes ou dividindo o tempo da aula, metade para a prática dos meninos e a outra metade para as meninas.

No Salesiano, os momentos das aulas de Educação Física eram formalmente separados, com as turmas devidamente organizadas pela coordenação, todavia, há um aparato legal que pode contribuir para a compreensão desse cenário. Em 1971, houve a lei nº 5692, fixando ao currículo do ensino fundamental e médio um núcleo comum obrigatório, em âmbito nacional, com um grupo de disciplinas, dentre elas a Educação Física.

Houve, ainda em novembro de 1971, um decreto nº 69.450, tratando da regulamentação da área Educação Física, destacando-a como uma "*atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolvem e aprimoram forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando*", uma visão que demonstra a subserviência deste componente curricular ao contexto político do regime militar e seus discursos tanto nacionalista quanto de segurança nacional. O Decreto Federal n° 69.450, também contemplou a recomendação de condutas diferenciadas para ambos os sexos, no seu capítulo I, artigo 5º, ressaltando que "*quanto à composição das turmas, cinquenta alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão*", separação nas aulas, separação na finalidade dos exercícios físicos e separação nas funções sociais.

Este Decreto Lei demonstra a continuidade de um discurso sobre uma Educação Física pautada em ideias higienistas, sobre o que seria apropriado ao corpo da mulher e ao corpo do homem, com desdobramentos aparentemente inquestionáveis nos anos setenta, como demonstram as percepções do grupo entrevistado, ao se mostrar familiarizado com o fato de essas aulas serem separadas.

Quando, durante a entrevista, o assunto era o que as meninas e os meninos faziam em comum na escola, as lembranças convergiam para uma uniformização das práticas: "*fazíamos tudo juntos*", dizem os(as) ex-alunos(as) sobre as práticas escolares, mas, ao serem abordados sobre a Educação Física, a certeza de uma convivência igual em todos os momentos e espaços se confunde com poucas lembranças acerca das aulas ou a certeza de não desfrutarem dessa experiência com o sexo oposto. Entre o grupo, há ex-atletas da escola, estes(as) eram dispensados(as) das aulas de Educação Física, o que tornam as lembranças sobre experiências da linguagem dos movimentos corporais, dentro de uma parceria entre meninos e meninas, ainda mais escassa. Ou seja, lembram-se das atividades físicas, mas não se remetem a interações entre os sexos nesses momentos.

Os anos setenta demarcaram particularidades à Educação Física as quais ajudam na compreensão de sua identidade como algo semelhante a um mundo paralelo transitando pela escola e acionado quando lhe é conveniente. Clara Negreiros (50 anos)[8], ex-aluna do CNSC

[8] GUERRA, Maria Clara Negreiro. **Entrevista**: Concedida à Maria Helena Lira. Recife, 29 de maio de 2012. Gravação em áudio.

que migrou para o Salesiano quando este se tornou misto, fala que as aulas de Educação Física eram "*aquelas coisas para ocupar menino*". A ex-aluna se refere a atividades com bola e corrida, destacando que os poucos meninos que entraram no CNSC eram dispensados das aulas, porque faziam natação.

A natação era procurada pelos meninos por ser um esporte individual, logo, como não tinham muitos meninos para formarem times, a piscina era requisitada por eles, inclusive como uma forma de se livrarem das meninas e da exposição nas aulas de Educação Física, relatam algumas entrevistadas do CNSC. Antônio Pedrosa (53 anos)[9], um dos alunos solitários do CNSC, foi um dos que trocou a Educação Física pela iniciação esportiva, através da natação. "*Fui obrigado a procurar a natação, porque era o único esporte individual que tinha. A maioria (dos meninos) fazia natação*", relata Antônio.

Sobre o Salesiano, as aulas de Educação Física são descritas em um formato militar, a exemplo do que diz Ivan Bastos (56 anos)[10]: "*eram muito ditatoriais, aquela aula tradicional. Tipo, você ficava um de frente para o outro e fazia exercício comandado mesmo por ordem, um, dois, um, dois...*". Davi Dornelas (58 anos) também relata suas lembranças sobre a Educação Física:

> Sete horas já tinha que estar no campo de futebol. Porque tinha o campo de futebol, ele era vizinho ao vestiário, então já ia trocar o calção ou bermuda e a camiseta e ficar em fila esperando o major Sombrera. Era muito puxado. Fazia salto de caixa, corria. Tinha dia que era futebol americano, com aquela bola comprida, às vezes era bola redonda e exercícios o tempo todo.

Outros ex-alunos do Salesiano também se referem ao professor de Educação Física como uma figura da ordem militar, "era um sargentão", dizem. Descrevendo as atividades realizadas como as de um quartel, caracterizadas por um fazer desvinculado de qualquer reflexão, sentido ou significado além da aptidão física, sendo esta uma realidade tanto para as meninas quanto para os meninos. "*Aquela ginasticazinha mesmo, de solo, aí quem gostava de esporte e praticava realmente esporte, fazia vôlei, basquete...*" diz Thânia Fernandes (56 anos)[11], ex-aluna do Salesiano, lembrando que era uma das meninas que praticou esportes, sendo, por isso, dispensada das aulas de Educação Física da mesma forma que acontecia com os meninos do CNSC. Um perfil de Educação Física, exaltando um formato militar e com influências do movimento de esportivização, bem característico dos anos setenta, como conta a historiografia da Educação Física.

Os anos da década de 1970 significam, para a História da Educação Física, um período de grandes intervenções do Governo sobre esta área. Como já foi citado, é nesta década que a Educação Física brasileira ganha um importante aparato legal, o decreto nº 69.450, na tentativa de regulamentá-la, reforçando-a, ainda, como disciplina obrigatória em todos os cursos universitários. As ações do Governo Militar demonstravam um olhar sobre a Educação Física e os Esportes como estratégia de ocupação da juventude.[12]

Comumente, a Educação Física é posta enquanto ferramenta manipulada pelo Governo Militar, contudo, vale considerar que havia interesses da própria área por esse processo de esportivização, o qual antecede o período ditatorial brasileiro, através de influências europeias e norte-americanas, logo, houve mais convergência de interesses do que propriamente

[9] PEDROSA NETO, Antônio. *Entrevista:* Concedida à Maria Helena Lira. Recife, 09 de agosto de 2012. Gravação em áudio.

[10] BASTOS, Ivan. *Entrevista*: Concedida à Maria Helena Lira. Recife, 06 de nov. 2013. Gravação em áudio.

[11] FERNANDES, Thânia. *Entrevista***:** Concedida à Maria Helena Lira. Recife, 17 de out. 2013. Gravação em áudio.

[12] Ver Gois & Simões (2011)

manipulação destes.[13]

O fato é que a Educação Física escolar passou por um processo de redução aos códigos da instituição esportiva, marcando o período em pauta como de transição de uma ginástica militar para um treinamento esportivo, como demonstram as lembranças dos(as) entrevistados(as), ora se referindo a uma ginástica "*1234...*", com características militares, ora a gama de possibilidades de esportes propostos com caráter de treinamento. As lembranças do grupo estão de acordo com essa linha de transição, dando ênfase a práticas de esportes, assim como um planejamento elaborado em dezembro de 1977, no Salesiano, traçando orientações para a Educação Física.

O documento tem uma característica de ata na qual relata a reunião do grupo de professores de Educação Física, dando ênfase a encaminhamentos para o ano de 1978. Pelo formato do texto, demonstra ser uma ação inovadora do Departamento Esportivo do Salesiano, tal registro de planejamento. Segue o texto do planejamento, na íntegra:

> Em uma breve reunião que realizamos com os Professores de Educação Física, vimos a necessidade da elaboração de um planejamento para as nossas aulas.
> Os Professores sugeriram a confecção de uma apostila, onde poderiam aplicar durante todo o ano aulas específicas de acordo com o nível da turma. Nesta apostila constariam exercícios indicados para alunos desde o Pré-escolar até alunos da 2ªsérie do 2º grau.
> Os temas abordados na apostila seriam os sugeridos pelo DED/MEC (iniciação, recreação, aperfeiçoamento e exercícios básicos para o indivíduo em crescimento).
> Os alunos do Pré-escolar teriam aulas como recreação; das primeiras (1ª s.) às 4ª séries iniciação aos desportos; das 5ª às 8ª séries aperfeiçoamento desportivo, exercícios básicos e uma preparação teórica sobre medicina desportiva. Das 1ª às 2ª séries do 2ºgrau, os alunos mereceriam aulas mais especializadas, tais como: circuitos, cooper e um aprimoramento em uma determinada modalidade desportiva.
> No fim de cada unidade os Professores de cada setor fariam uma avaliação.
> Todos os alunos seriam obrigados a frequentar as aulas de Educação Física, com o uniforme completo do Colégio: a primeira aula do ano constaria de exame biomédico e os alunos na primeira unidade passariam por exame médico.
> As dispensas das aulas seriam aceitas sobre duas hipóteses: insuficiência de saúde (onde seria apresentado o atestado do médico) ou quando o aluno participasse de uma equipe do Colégio para os Jogos Estudantis. (MARANHÃO, Geraldo. Recife, 13 de Dezembro de 1977)

O planejamento é referente ao pré-escolar até a 2ª série do segundo grau, deixando de fora o último ano, provavelmente pela justificativa do vestibular, como ressaltam as entrevistas; até as aulas do profissionalizante eram suspensas na 3ª série do 2º grau[14], para os(as) alunos(as) terem aulas mais voltadas ao vestibular.

Os "temas" a serem abordados na possível apostila e nas aulas apontam para a supervalorização dos esportes e da aptidão física, com um conhecimento transitando no treinamento, no aperfeiçoamento das habilidades físicas e do gesto esportivo. A ginástica, conteúdo predominante durante muitos anos na educação física escolar, já nem é citada no planejamento.

A hegemonia do esporte enquanto monocultura da Educação Física remete à necessidade de compreender a participação feminina nesta prática e, consequentemente, na própria Educação Física.

Peter Stearns (2007), ao analisar a História das Relações de Gênero, chama atenção para

[13] Para mais informações sobre os interesses profissionais permeando a esportivização para além do Governo Ditatorial, ver TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968 – 1984): Entre a adesão e a resistência. Revista Brasileira de Ciências do esporte. Campinas, v.25, n.2, p. 9-20, jan. 2004.

[14] Assim era chamado o que hoje compreendemos por Terceiro Ano do Ensino Médio.

como o impacto de uma cultura de consumo, a partir da mídia e da internacionalização de informações, influenciou o comportamento de homens e mulheres. Nesse sentido, o autor destaca, mesmo reconhecendo ser um campo difícil de medir, o aumento da participação das mulheres nos esportes, após a Segunda Guerra Mundial, em consequência da ampla divulgação dos jogos olímpicos. No Ocidente, por exemplo, houve um maior interesse das mulheres pelo atletismo, "*ao lado de uma nova onda de feminismo que emergiu nos anos de 1970*", destaca Stearns (2007, p. 240). Os países comunistas se destacaram investindo no esporte feminino em uma perspectiva de rendimento atlético, inspirando mulheres de várias partes do mundo, a exemplo das corredoras no norte da África. Ações que esbarravam no fundamentalismo mulçumano contrário a esse tipo de atividade pública, tendo, além disso, sido modesto o impacto desse tipo de exposição na mídia, mas, ainda assim, responsável por algumas rupturas, conforme o mesmo autor.

O movimento em relação à Promoção da Saúde também teve destaque nesse período, se consolidando ainda mais nos anos 1980 e 1990, com estudos e propostas sobre Saúde Pública, Saúde Coletiva e outras mais específicas, reiterando os benefícios da atividade física para a saúde. Tais indícios aparecem na recomendação do planejamento do Departamento de Educação Física, com a proposta da prática do Cooper, já comum nos Estados Unidos desde a década de 1960, chegando aos brasileiros, atrelada ao desejo de adquirirem benefícios através da corrida de baixo impacto.

Em contrapartida, Cruz & Palmeira (2009, p.123) citam um artigo de 1970 de um professor chamado Carlos Catalano Calleja, onde consta orientações para a não participação de mulheres em competições de judô, "*porque as meninas poderiam vencer os garotos e segundo ele* ***'perder de menina é um tanto vexatório e pode ocasionar uma problemática que iria afetar a personalidade em formação do menino'***".

A prática dos esportes, seus discursos e o imaginário criado sobre eles exaltam características masculinas como se essas fossem fixas no homem, tendo suas recomendações refletido disputas de poder e embates de gênero retratados em uma educação do corpo da mulher e outra para o homem. Este enredo se reproduz nos primeiros anos das escolas mistas, inclusive por tratarem a Educação Física como uma disciplina operacional, desvinculada de diálogos com outros saberes a não ser o da dimensão anatomofisiológica do corpo e de suas necessidades de aptidão física, um olhar característico do momento estudado.

Helena Altmann e Eustáquia Salvadora (2009) trazem reflexões importantes sobre as relações de gênero na Educação Física, sem desconsiderar a importância dos jogos esportivos enquanto ferramenta educacional, uma vez que sua prática pode promover cooperação, convivência, participação, inclusão, descoberta de novas realidades, sendo este, muitas vezes, o único conteúdo trabalhado na vida escolar de meninos e meninas. Todavia, a inserção deles nas escolas não garantiu mudanças no sentido de evitar que a mulher continuasse sendo considerada como um corpo frágil diante do homem.

O contexto apresentado, no qual escolas mistas permanecem com práticas sexistas na Educação Física, demonstra uma concepção de ser humano e, consequentemente, de educação dentro de uma lógica dualista, competindo às atividades físicas intervir no corpo em sua dimensão mecanicista, adestrando-o, mais do que educando-o, com práticas desprovidas de qualquer reflexão crítica, de compreensão e mudança da realidade. É possível, hoje, afirmar ter sido esta uma perspectiva tradicional e positivista da Educação Física, na qual não se encaixa discussões e práticas coeducativas, por traçar um olhar tecnicista e biologicista sobre o corpo, tendo o esporte de rendimento como a reafirmação não das diferenças, mas sim das supostas desigualdades biológicas, o que explicaria os comportamentos e interesses distintos entre homens e mulheres, desconsiderando a equidade nas atividades físicas.

Dando continuidade à reconstrução da Educação Física nas escolas católicas dos anos setenta, há uma exigência no Planejamento do Departamento de Esportes do Salesiano, muito

cara às lembranças, principalmente das ex-alunas, que é o uso do uniforme nas aulas: *"Todos os alunos seriam obrigados a frequentar as aulas de Educação Física com o uniforme completo do Colégio"*, diz o documento assinado por Geraldo Maranhão.

No Salesiano, as sungas aparecem entre as meninas atletas da escola, diferente do CNSC que, além dos momentos de treinos e competições, usavam também nas aulas de Educação Física. "*Na hora da Educação Física a gente usava uma coisa que ninguém usa hoje. A gente usava uma sunga, sabe como era a sunga? Uma calcinha grande, só que de malha, grossa*", lembra Mônica Lustosa (49 anos)[15], ex-aluna do CNSC. Algumas estudantes das Beneditinas dizem que as freiras ficavam atentas às sungas para que as meninas não usassem tão justas. Ainda assim, chama atenção o uso de roupas curtas e justas, como as sungas, em escolas confessionais, que sempre se mostraram cautelosas sobre vestimentas "ousadas".

Fazendo uso dos estudos de Carmen Lúcia Soares (2011), sobre *As Roupas nas Práticas Corporais*, as roupas destinadas ao uso de atividades físicas ganharam peso enquanto medida higiênica e profilática, desde os anos de 1920. A autora cita trechos da Revista *Educação Physica*, em seu nº 43 (out. de 1938), sobre uma matéria a respeito da conferência realizada pela Divisão de Educação Física, sendo este recorte destinado aos inspetores de ensino, onde trata do uso de roupas especiais para a Educação Física:

> Quanto às roupas adequadas à educação física, é suficiente que sejam amplas, que não comprimam o tórax, o abdômen e o pescoço, os braços e as pernas. Recomenda-se também que sejam próprias às estações. De uma maneira geral pode-se dizer que o executante da educação física deve ter o menos possível de vestimenta, a fim de ser beneficiado com os efeitos salutares dos raios solares. […] (REV. EDUCAÇÃO PHYSICA, nº43, out. 1938, p.37 *apud* SOARES, 2011)

Soares (2011) ressalta que as roupas esportivas desse período (1920-1930) inauguraram uma "moda do natural", onde o corpo deveria respirar e ter liberdade para movimentar-se. A incorporação do sungão pelas meninas nos anos setenta, a exemplo das escolas estudadas, demostra uma mudança significativa na exposição dos corpos, passando a ser justificada pela liberdade dos movimentos, se tornando uma ferramenta na configuração da própria atividade.

As mudanças no fardamento da Educação Física e das demais atividades físicas das escolas confessionais, também incitam uma mudança de valores estéticos e morais, dentro da própria escola. É interessante perceber o quanto as recomendações higienistas a esse respeito, assim como a moda das roupas esportivas caracterizadas pelos sungões femininos, tiveram espaço em instituições tradicionais como as escolas católicas, subvertendo uma lógica cara a esse universo empenhado em não colocar em destaque as molduras corporais.

Nos anos setenta, a Educação Física das escolas confessionais foi território onde a mistura dos sexos teve pouca ou nenhuma evidência, ao mesmo tempo, através dela inauguraram-se novas formas de mostrar o corpo dentro da escola católica. Tudo isso insinuando uma tolerância quase que sagrada ao tema esportes e à área Educação Física, por serem responsáveis, inclusive, por reformas de altos custos financeiros, em nome da modernidade atribuída àquele contexto, a exemplo da construção de piscinas e quadras poliesportivas, entretanto, revelando este universo ainda com resistência ao debate e incorporação de práticas democráticas e da busca por equidade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[15] LUSTOSA, Mônica. **Entrevista**: Concedida à Maria Helena Lira. Recife, 15 de jun. 2012. Gravação em áudio.

A pesquisa sobre a qual se sustenta este artigo destacou que a mistura dos sexos nas escolas católicas, dos anos de 1970, não foi necessariamente uma prática coeducativa, inclusive, a perspectiva de igualdade de oportunidades para meninos e meninas não foi o principal apelo responsável por essa mudança de cenário. Os indícios apontam as reformas educacionais, através da lei nº 5692/1971, como o argumento concreto e material mais convincente para a alteração nos perfis destas escolas. As exigências de um ensino profissionalizante atrelado ao 2º grau, teve importante influência nas matrículas mistas. É possível afirmar que o surgimento das escolas mistas católicas é resultado de diversos fatores, dentre eles interesses familiares, mudanças ocorridas dentro da própria igreja, mas, de fato, as reformas legais na educação, principalmente com a dimensão profissionalizante, foi o que mais se destacou nas lembranças dos(as) entrevistados(as) e na análise do contexto da época.

Os indícios demonstram que a década de 1970 não apresentou transgressões significativos acerca do tema "habilidades físicas", como critério de distinção entre homens e mulheres, pelo menos não na Educação Física escolar, a qual teve, neste período, muito mais uma busca pela acomodação dentro da escola, a partir da forma como as próprias escolas ansiavam ao seu respeito.

Mesmo com as discussões feministas sobre as habilidades físicas como critério diferenciador dos sexos e com a crise de identidade em torno da Educação Física, no decorrer dos anos de 1980 e 1990, esta área ainda demonstra dificuldade em aprender através do diferente, do múltiplo. Há avanços e novas experiências, não se pode negar, mas que ainda necessitam de sistematizações didáticas e de mais curiosidades sobre o desconhecido, assim como, questionamentos sobre suas "verdades".

A Educação Física tem se demonstrado, ao longo da história, um palco de resistência para a coexistência dos sexos de forma igualitária, desde suas recomendações. Mesmo quando a educação mista deixou de ser "condenável", as aulas de Educação Física permaneceram como o território do sexismo, da separação, da disputa, da polaridade, tratando o corpo em uma lógica essencialista, com as diferenças anatomofisiológicas sendo mais caras do que as histórias de vida, condições socioeconômicas, experiências motoras, acervo cultural e interesses distintos. Desconsiderando a diversidade de modos de "ser menino" e "ser menina", as quais não podem ser reduzidas às diferenças biológicas, como pautou e ainda pauta a organização das práticas escolares.

REFERÊNCIAS

ALVES, Manoel. A histórica contribuição do ensino privado no Brasil. *Educação*, Porto Alegre, v.32, n.1, p. 71-78, jan. /abr., 2009.

ALMEIDA, Jane Soares. *Ler as letras.* Por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.

ALTMANN, Helena; SOUZA, Eustáquia Salvadora. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. *Caderno CEDES*, Campinas, v.19, n.48, ago., 1999.

AUAD, Daniela. *Relações de gênero nas práticas escolares:* da escola mista ao ideal de coeducação. Tese (doutorado em educação, área de sociologia da educação), São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. *Educar meninas e meninos:* relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

BASTOS, Ivan. *Entrevista*: concedida à Maria Helena Lira. Recife, 06 de nov. 2013.

Gravação em áudio.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Ensaio que integra a pesquisa *"Desenhando a Educação Brasileira à Francesa.* Um estudo da apropriação das ideias educativas e das práticas escolares da França (1870-1900)" - CNPQ (2001-2003).

BRASIL. Decreto n° 69.450 – 1 de novembro de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm>. Acesso em: 03 de jan. 2014.

BRASIL. Lei n° 5.692 – 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm> Acesso em: 03 de jan. 2014.

CARDOSO, Adriana. *Entrevista*: concedida à Maria Helena Lira. Recife, 25 de out. 2013. Gravação em áudio.

CRUZ, Marlon Messias; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção da identidade de gênero na Educação Física escolar. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 15, n 01, p. 116-131, jan,-mar. 2009.

DINIZ, Ir. Maria de Lourdes Flourentino. *Facho:* Patrimônio Cultural de Olinda. Olinda Patrimônio Cultural da Humanidade. Facho, Olinda-PE, 1983.

DORNELAS, Davi. *Entrevista*: concedida à Maria Helena Lira. Recife, 14 out. 2013. Gravação em áudio.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. Aula Mista versus Aula Separada? Uma questão recorrente na educação física escolar. In: *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física.* v.1, n.1, ago. /2009, p. 141-156.

FERNANDES, Thânia. *Entrevista***:** concedida à Maria Helena Lira. Recife, 17 de out. 2013. Gravação em áudio.

GUERRA, Maria Clara Negreiro. Entrevista: concedida à Maria Helena Lira. Recife, 29 de maio de 2012. Gravação em áudio.

GOIS JÚNIOR, Edivaldo; SIMÕES, José Luís. *História da Educação Física no Brasil.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória.* Tradução: Bernardo Leitão. [*et al*.]. 6. ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

LUSTOSA, Mônica. *Entrevista*: concedida à Maria Helena Lira. Recife, 15 de jun. 2012. Gravação em áudio.

MONTENEGRO. Antônio Torres. *História metodologia memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *História Oral e Memória*: A cultura popular revisitada. 6. ed., São Paulo: Editora

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti. Índice Cultural de Gênero: o caso de Porto Alegre. In:

CARVALHO, Marie Jane Soares; Cristiane Maria Famer. *Produzindo gênero*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2004.

OLIVEIRA, Luiz. *Dai-me Almas*. S.D.B. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofício, 2001.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

STEARNS, Peter N. *História das Relações de Gênero*. São Paulo: Contexto, 2007.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte,* Campinas, v.25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004.

PEDROSA NETO, Antônio. *Entrevista*: concedida à Maria Helena Lira. Recife, 09 de agosto de 2012. Gravação em áudio.

SILVA, Samara Mendes Araújo. *À luz dos valores religiosos:* Escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1906 – 1973). Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Federal do Piauí, 2007.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física raízes europeias e Brasil.* 4. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2007.

_____. *As roupas nas práticas corporais e esportivas:* A educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado:* História Oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Recebido em: 30/05/2015
Aprovado em: 10/06/2016